

Occupied city



Por **JOÃO LANARI BO***

Comentário sobre o documentário do artista e cineasta Steve McQueen

Occupied City é daqueles projetos que propõe ao espectador um desafio concreto: são quase 4 horas e meia de duração, em uma narrativa (a palavra é insuficiente) que não avança nem recua, não sai do lugar, mas está o tempo todo em movimento. Tempo: categoria a um tempo (de novo) filosófica e material, histórica e física.

Baseado no livro *Atlas of an Occupied City, Amsterdam 1940-1945*, da cineasta e historiadora Bianca Stigter (companheira do realizador), o filme recupera a vida cotidiana em Amsterdã sob o domínio nazista, desde a invasão em 1940 até a libertação, em 1945 – e o faz revisitando centenas de endereços no presente do século 21, referindo-se ao passado com verbetes secos e objetivos das tragédias que, por alguma razão, remetem àqueles espaços.

As imagens contemporâneas – capturadas em 35 mm, formato 4:3, proporção clássica do cinema – configuram uma estética próxima dos documentários urbanos dos anos 20/30, poéticos e atentos aos detalhes da diversidade da presença humana. Os endereços trazem memórias da repressão brutal e deportação de populações judaicas para os campos de concentração: mas também evocam ações corajosas da resistência local, judeus e não-judeus, assim como traições dos que não hesitavam em sacrificar pessoas próximas na luta pela sobrevivência.

Havia o poder opressivo dos alemães ocupantes, e havia também os colaboracionistas – que chegaram a constituir um partido nazista holandês, o NSB. Em fins de 1944, a coisa apertou: alimentos e combustíveis se tornaram escassos, as forças aliadas se aproximavam, os nazistas descambaram para um comportamento que alternava fanatismo e pânico. O período ficou conhecido como “Inverno da Fome”. *Occupied City* é, nesse prisma, puro horror.

Steve McQueen dirigiu uma enorme variedade de curtas, alguns associados às [instalações artísticas](#) que realiza. Entrou no *mainstream* dos longas-metragens com *Fome*, em 2008, e chegou ao topo da atividade com o premiado *12 anos de escravidão*, vencedor do Oscar de 2014 – num daqueles anos que a Academia optou por distinguir filmes de conteúdo social e político. Michael Fassbender, excelente ator, participou de algumas dessas realizações.

Steve McQueen toca uma carreira paralela de artista, igualmente (ou mais) intensa, voltado à produção de instalações multimídia (palavra também insuficiente) ambiciosas e conceitualmente complexas, de circulação restrita a museus, galerias e instituições culturais de prestígio. Entre outros fundamentos, são, para dizer de maneira simples, investigações sobre possibilidades inerentes do suporte audiovisual – que funciona como material em si, ferramenta documental, ou instrumento para contar histórias. Trafegar entre esses dois sistemas, entretenimento massivo (cinema) e especulação visual (arte) é o seu *drive*. Não é pouca coisa.

Occupied City situa-se na encruzilhada desses dois mundos. É um filme que poderia ser exibido em uma exposição, uma ou mais telas, espectadores entrando e saindo, assistindo um ou mais fragmentos – como quem abre um dicionário e lê dois ou

três verbetes. Mas o cineasta (dessa vez) escolheu fazer do cinema seu local, para gerar uma sensação de continuidade, uma única sessão, começo e fim (intervalo incluído). Se for no *streaming*, o telespectador poderá dosar as 4 horas e meia do modo que lhe apetece. O que importa, para usufruir dessa linguagem, é a imersão – a conjunção imagem (presente) e texto (passado).

As filmagens começaram um pouco antes da pandemia de Covid – que entrou em cena, inevitavelmente – e tomaram dois anos e alguns meses. A dissonância passado/presente de *Occupied City* comove e impacta. Uma cena mostra uma família em seu apartamento hoje, em momentos banais de lazer ou trabalho: a narradora, a jovem Melanie Hyams, descreve como aquele apartamento pertenceu a uma família judia deportada para um campo de concentração e assassinada.

Em seguida, uma praça da cidade, usada para execuções de resistentes e manifestações fascistas, agora é local de protestos em defesa do meio ambiente. Ruas vazias, cerimônias relacionadas ao Holocausto, casamentos via Zoom, protestos antivacina e crianças descendo de trenó em parques nevados – coexistem com descrições de atrocidades e mortes.

Para Walter Benjamin, a “história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ágoras”. A citação foi obtida com dois cliques, mais um agora. No filme de McQueen, a história contada na narração está constantemente se dobrando sobre si mesma, como se o passado estivesse preso em algum lugar desse mundo etéreo que nos cerca.

***João Lanari Bo** é professor de cinema da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Autor, entre outros livros, de Cinema para russos, cinema para soviéticos (*Bazar do Tempo*) [<https://amzn.to/45rHa9F>]

Referência

Occupied City

Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, 2022, documentário, 266 minutos.

Direção: Steve McQueen.

Elenco: Melanie Hyams.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)